

NOSSA FOLHA

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "CID ROCHA AMARAL", DA ESCOLA INDUSTRIAL DE FLORIANÓPOLIS

ANO III

Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Abril a Junho de 1948

NÚMEROS 15/18

ENTREVISTANDO

Sabendo do recente regresso dos EE. UU. do Sr. Arlindo Guimarães, nosso mui prezado amigo e prof. do Curso de Serralheria (Solda), e certos de que traria algo de novo e interessante para os nossos leitores, resolvemos fazer-lhe um pequeno questionário que prontamente respondeu como passamos a transcrever:

— O que diz sobre a viagem de ida e volta?

Para uma viagem como esta tão longa e tão cheia de emoções é necessário que se tenha paciência e calma, pois, permanece-se muitas horas sentado em uma poltrona na expectativa, sempre, de qualquer acontecimento imprevisto.

Apezar dos contratempos, naturais nas grandes viagens so- brava-nos alegria para atendermos com presteza qualquer ordem como seja: atem ou desatem o cinto, etc., e quando avistávamos um ponto que julgávamos ser de aterrissage perguntávamos:

— O que há?

— Tempestade no itinerário, respondiam-nos.

E como de costume quando o pássaro metálico descia, apertávamos o cinto e baixávamos a poltrona. Fechar os olhos era o que desejaria para tirar a má impressão de uma suposta tempestade mas, qual, eles permaneciam bem abertos, pois, a curiosidade era mais forte que o temor.

— Que impressão nos traz dos EE. UU.?

— Trouxe as melhores das impressões. Admirei a hospitalidade dos americanos para com os brasileiros e admirei, sobretudo, a incansável atividade desse povo que por isso mesmo atingiu a um padrão de vida superior: o qual lhe proporciona um conforto inigualável. Admirei, muitas vezes, a maneira pela qual os americanos se preocupavam com o trabalho, com ardor e com vontade de produzir, sempre, com maior rendimento.

Quando partimos, levamos no espírito, um ponto de interrogação, quando voltamos, trazíamos um de admiração. Os EE. UU. é, realmente, um país maravilhoso!

Em Hartford no Estado de Connecticut; onde residi por 7 meses e 23 dias, sentia-me tão a vontade como se estivesse em meu próprio torrão natal.

Trabalhando em uma pequena indústria, de soldas situada a rua John, 68 na cidade de Hartford, tive oportunidade de observar como são bemquistos os

operários pelos seus chefes e palestrando com muitos deles vim a saber dos seus salários. Ganham eles 90 dolares semanais ou seja 1.800,00 (mil e oitocentos cruzeiros) por semana.

Na referida indústria, trabalhavam várias moças cujos ser- ços eram, operações em máquinas de solda a pontos, e serviços de menor responsabilidade em soldas oxi-acetilênica; sendo que faziam uma média de 60 a 70 dolares semanais ou seja de mil e duzentos a mil e quatrocentos cruzeiros.

— Para um brasileiro que pouco conheça o idioma inglês, torna-se difícil a sua permanência nos EE. UU.?

Apesar da boa hospitalidade dos "yankees" para com os brasileiros, nunca se está tão a vontade, como se se conhecesse bem o idioma inglês.

— Quais as suas impressões das Escolas Industriais e Técnicas Americanas?

Nos EE. UU., há muitos estabelecimentos correspondentes às nossas Escolas Industriais; é bem poucas correspondendo às nossas Escolas Técnicas.

Tive oportunidade de visitar várias delas, bem como estagiar na Hartford Trade School, ou seja a Escola Industrial de Hartford no Estado de Connecticut, e da qual trago ótimas impressões. Essas escolas além da boa aparelhagem, possuem ainda bons professores especializados que administram o ensino com grande eficiência. Afirmando, entre outros, que em matéria de ensino industrial, estamos também adiantados.

— O seu estudo foi feito em um único estabelecimento? Em que cidade?

Não estudei em única escola e sim nas Escolas Industriais de Hartford, no Estado de Connecticut, na Lincoln Electric Company, em Cleveland, no Estado de Ohio e no Colorado A and M College, em Fort Collins no Estado de Colorado.

— São muito procurados os técnicos pelos industriais de lá?

Geralmente todos são bem procurados, pelo fato da extensão da Indústria Americana.

— Recebia as suas aulas em companhia de alunos norte-americanos?

Na A. and M. College em Fort Collins no Estado de Colorado, recebia as aulas no mesmo estabelecimento com o mesmo horário, porém, em salas com professores especiais para os brasileiros.

FALA SOBRE A CAMPANHA DE EDUCAÇÃO DE ADULTOS O PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

A exemplo do que já fizeram companheiros seus, dá o seu depoimento sobre a Campanha de Alfabetização de Adultos o acadêmico Ademar Tavares, presidente da Academia Brasileira de Letras e conhecida figura dos nossos meios forenses.

Disse ele:

— Nesta conversa apressada, não sei se aprendo bem a pergunta do confrade jornalista. Que penso da campanha do Ministério da Educação pela alfabetização dos adultos, e que acho de sugerível? — Alfabetização, a campanha santa do Brasil, a mais meritória, a mais momentânea, a mais patriótica. É esse Ministério da Educação, que foi sempre a aspiração suprema de quantos se consagraram ontem, e se consagram hoje, aos meios de combate ao analfabetismo — cancro alarmante de nossa nacionalidade, — deve de ter aí o seu Quartel General, devidamente aguerrido e aparelhado. Bato-lhe todas as minhas palmas pela campanha com tanto ardor travada. Tenho sempre no ouvido as palavras de Miguel Couto, que dessa campanha que agora se recende, foi um dos mais ardentes apóstolos: **"No Brasil só há um problema nacional, a educação do povo"**. Se a maior riqueza de uma nação, todos o proclamam, é o homem, é para ele, e principalmente para ele, que ela se deve voltar com todos os seus olhos, e de toda sua alma, para fazer de cada homem, **um homem**. E esse problema consiste só e só na educação. O Brasil olha a sua vastidão territorial, e assusta-se. Um vlei- ro nordestino já disse que **ela é tão grande que desanima**. ... Intensifica-se a imigração, criam-

se leis e prêmios para intensificar a proliferação, protege-se a grande família, densifica-se a população crescente, mas descura-se dessa massa humana desinstruída e deseducada, e consequentemente improdutiva e entravante do nosso progresso. A desinstrução e a deseducação do homem fazem-no um ser inutilmente animal, inconsciente do seu papel na sociedade, quando não perigoso, porque a ignorância tira-lhe o poder de discernir entre o bem e o mal, e se não nos ajustamos para receber conscientemente o bem, é o mal que nos aprêsa. É o analfabeto, o cego da pior das cegueiras, porque aquela, como dizia Castro Alves, **que não empunha bordão**. O abismo está sempre no caminho do ignorante para tra- ga-lo. Valorizamos o nosso café, o nosso assucar, o nosso algodão, etc., quando devemos primeiro valorizar o nosso "homem". Não importa a mim que já outros tenham dito isso, que seja frase feita. Não importa. Devemos repeti-la, regitá-la a todo momento, até que se faça consciência nacional: — **Valorizemos o homem! Valorizemos o homem!** Vençamos esse fatigado e antipático truismo de que somos um país de analfabetos. Aceito que se diga a alfabetização um problema orçamentário. Sim, sei que **também orçamentário**. Mas antes, dever do Governo, problema de ação, e nenhum homem de Estadopode gozar deste título aureolar, se não faz da educação do povo sua preocupação constante. É pensamento de Horace Mann? ... Seja nosso também, porque foi assim que os Estados Unidos combateram a praga e assumiram o progresso e a posição que desfrutam. Não olhemos dinheiro, nem despesas, — gaste-se o que preciso seja! Não é um empréstimo ao Brasil de amanhã? Não regateemos, pois, com o nosso problema salvador. Capacitemo-nos que só por ele ocuparemos no mundo o nosso posto de dignidade, e nos preservaremos das borras e das ideológicas que o sacodem. **A educação é direito de todos**, como está em nossa Constituição, e assim, dever correspondente de educar. **Direito do homem em todas as idades**. Do infante, e do adulto. A forma por que se ministre, os meios a empregar nessa disseminação, fica dentro da esfera das nossas diferenciações regionais e das exigências da

EXPEDIENTE

"NOSSA FOLHA"

Diretor :

ALDO LOCATELLI

REDATORES :

FLÁVIO L. COSTA

TRANQUILLO ZOMER

Gerente :

MARIO M. LOUREIRO

ENDEREÇO:

Escola Industrial - Rua Almirante Alvim, N. 19

Florianópolis - Santa Catarina

A distribuição é feita pelo

Presidente do Grêmio Cultural Cid Rocha Amaral

PERGUNTA A UM "PÃO DURO"

— Qual é a diferença entre a luz solar e a luz elétrica ?

— É que a do sol é gratuita.

Ele deu o último suspiro, bateu os burzeguins e morreu.

Ela deu um grito, um soluço e... casou-se com outro.

nossa Realidade, nos vários fatores físicos, geográficos, econômicos, sociais, etc. O combate ao analfabetismo dos adultos, haverá que distinguir entre os centros civilizados, e os das pequenas cidades do interior, e os dos afastados lugarejos das zonas rurais. Conforme o homem e o seu **habitat**, — a campanha a ser desenvolvida, na sua forma e nos seus meios de eficiência. O que é preciso é que a campanha se faça intensa e extensivamente, por todos os meios — os **diretos**, e **indiretos**, abrindo escolas e distribuindo livros, apertando, restringindo cada vez mais, o direito dos analfabetos na comunhão social, não lhes dando direitos iguais aos que sabem ler, legislando e impondo a obrigação a todos, de ensinar aos que precisam, organizando "comandos" instrutivos e educativos, por toda a parte, em todos os centros, vilas e cidades, quarteis e fábricas, pregando a causa santa, clamando e conclamando-se para essa a rendição. **Saúde e educação**, ou **educação e saúde**, — essas duas campanhas têm de marchar paralelas. Não podemos ser um vasto hospital, sim; mas também não podemos ser um estendal de fantasmas, porque apenas sombra é o homem que não sabe ler. Que vale a saúde do corpo, sem a da alma? A pessoa sem a personalidade? O homem sem a consciência da sua finalidade?... Não cruzemos os braços esperando tão somente a ação do Governo. Cooperemos com ele, fazendo nossa, por todos os modos, esta guerra sagrada contra o analfabetismo. Pensemos todo dia nos que não sabem ler!... É dever de patriotismo, e de humanidade".

Dessa forma respondeu o presidente da Academia de Letras, órgão tão representativo da cultura nacional, louvando irrestritamente a Campanha de Educação de Adultos, empreendida pelo Ministério da Educação.

A MEDIÇÃO PELO CALIBRE

Na mecânica de precisão, existem inúmeras espécies de instrumentos de medida, e, entre eles, como um dos mais aperfeiçoados e de maior utilidade, temos o Calibre, que nos auxilia na medição de diâmetros internos, externos, profundidades de furos ou ranhuras e demais peças na mais variada irregularidade de suas formas com precisão quase que absoluta.

Os fabricados pelo sistema Inglês, medem 1/16", 1/32", 1/64 e 1/128" respectivamente na sua maioria, pois existem também os que dividem a polegada decimalmente.

O calibre consiste em uma régua graduada em milímetros ou em frações de polegada, dois mordentes iguais em forma de haste, fixadas uma na extremidade da régua graduada de maneira que fique formando um verdadeiro esquadro de topo, e, a outra haste, colocada na parte inferior do cursor. O cursor é a parte do calibre que se desloca por sobre a régua, possuindo este parafusos de fixação, aproximação ou regulação e dois nônios ou verniers que servem para fracionar as unidades de medida tomadas como base na graduação da régua. Um é feito para o sistema Inglês e o outro, para o sistema métrico. É na graduação perfeitamente equidistante das unidades de medida tomadas como base na divisão deste elemento e as de régua graduada que depende a precisão do calibre. Para se proceder à leitura de uma medida, não se requer muitos estudos.

Primeiramente procura-se a precisão do instrumento, isto é, a medida mínima que ele pode apresentar.

No sistema métrico, a precisão é achada contando-se o número de divisões do nônio, o seu comprimento e a menor divisão da escala. O quociente resultante da menor divisão da escala sobre o número de divisões do nônio, representa a medida mínima que o instrumento pode apresentar.

Assim, se o nônio tiver 10 divisões e a escala dividida em milímetros, a precisão é de 0,1mm, porque:

$$1:10 \text{ é igual a } 1 \text{ ou } 0,1\text{mm.}$$

10

Portanto, a diferença para a primeira divisão do nônio é de 0,1mm, para a segunda, 0,2mm e assim sucessivamente até a coincidência da décima divisão que vem completar mais uma unidade de medida de régua.

Quando o nônio é de 20 divisões, medem-se vigésimos de milímetro ou seja 0,05mm visto que, sendo o seu comprimento de 19mm (para maior clareza na leitura, costuma-se aumentar o comprimento do nônio proporcionalmente ao número de divisões) e dividido em 20 partes iguais, a diferença ou a unidade de medida da escala fica dividida em 20 partes e sendo esta unidade 1mm, fica:

$$1:20 = \frac{1}{20} = 0,05\text{mm}$$

Por conseguinte: a diferença sobre a primeira linha divisional é de 0,05mm; sobre a segunda, 0,1mm a terceira, 0,15mm etc.

Quando o nônio tiver 50 divisões, a precisão é de 0,02mm e com 100 divisões, 0,01 mm porque:

$$1:100 = \frac{1}{100} = 0,01\text{mm}$$

A diferença para a primeira divisão, neste caso, passa a marcar 0,01m para a segunda 0,02 e assim por diante até chegar a divisão que vem em seguida à nonagésima-nona, completando daí a unidade de medida da régua.

Um exemplo:

As hastes foram afastadas por tal distância. Segundo o nônio, houve coincidência na septuagésima-nona divisão. A linha zero, passou além de 6 divisões da régua milimetrada.

Temos neste caso 6,79mm, porque:

Os 6mm da régua e mais os 0,79mm resultantes dos 79 consequentes atrasos, dão esse resultado.

É mister adiantar que para se fazer leituras com estas escalas, é necessário fazer o uso de lentes, pois é muito difícil verificar com exatidão o ponto de coincidência das linhas a vista desarmada, mesmo calibres como os do último exemplo são raros, prefere-se neste caso o micrômetro. Este porém tem a desvantagem de não poder medir grandes extensões uma vez que não se lhe dê maior robustez na sua fabricação.

Para a medida pelo sistema inglês, as escalas das divisões correspondem geralmente a um comprimento de 1/16". Subdivididas geralmente em 1, 2, 4 e 8 partes iguais. Dividem frações de polegadas correspondentes a

$$\frac{1}{16}, \frac{1}{32}, \frac{1}{64}, \frac{1}{128}$$

Os calibres em cujo nônio tiver uma única divisão, medem 1/16", porque a escala, é claro, está dividida em 1/16.

com 2 divisões, medem 1"/32 porque:

$$\frac{1}{16} : 2 = \frac{1}{32}$$

Com 4 divisões medem 1/164" porque

$$\frac{1}{16} : 4 = \frac{1}{64}$$

Com 8 divisões medem 1/128" porque

$$\frac{1}{16} : 8 = \frac{1}{128}$$

Querendo-se, portanto, proceder a uma leitura, uma vez sabida a precisão, supondo, por exemplo, de um calibre cujo nônio tiver 8 divisões:

Foi aberto até certa largura, leu-se.

Ultrapassou 1" e 5 divisões na escala e houve coincidência das linhas na 7 divisão do nônio.

Temos:

$$1" + \frac{5}{16} + \frac{7}{128} = 1 \frac{47}{128}$$

Outro exemplo em que o nônio tenha 4 divisões:

O calibre abriu a 2" mais 13 divisões da escala e mais a terceira linha do nônio coincidiu com a escala.

Temos:

$$2" + \frac{13}{16} + \frac{3}{64} = 2 \frac{55}{64}$$

Nota: Os tipos de calibres dados acima, não são os únicos pois são várias as espécies e entre eles, como os mais comuns, porém, menos vulgares, temos os calibres com grampos, de profundidade, para diâmetros internos, etc., todos eles munidos de parafuso micrométrico e várias hastes acessórias para diferentes diâmetros etc.

Aldo Locatelli

ESPERANTO

O MOVIMENTO ESPERANTISTA EM SANTA CATARINA

O Esperanto progride! O movimento, que na velha e desgastada Europa, está reunindo milhares de novos esperantistas, principalmente da Alemanha, Tchecoslováquia, Suécia e Noruega, Dinamarca, Países Baixos, França, Itália, Inglaterra e outros; e mesmo da África e até da Ásia, em Santa Catarina vai indo de vento em póda, não somente com o apoio do Governo do Estado e, mais especialmente, do Sistema Estatístico, sinão que com o esforço perseverante dos aficionados da língua neutra auxiliar. Depois de haver sido fundado o Clube Esperantista de Florianópolis, em Janeiro de 1939, fundaram-se os Clubes de São Francisco do Sul e, recentemente, o de Laguna, cujo presidente é o Sr. Walter Boppré, que, no ano findo, frequentou o curso de principiantes, mantido pelo Clube desta Capital. Em Lajes, graças à iniciativa de antigos esperantistas, será aberto um Curso para principiantes; em Joinville a senhorinha Carmen T. Krueger dirigiu um Curso através de "A Notícia". Em Florianópolis, o Departamento de Estatística vai abrir um curso de Esperanto para os seus funcionários.

Livros novos, originais ou traduções, alguns aparecerem primeiro na tradução para o Esperanto e depois na tradução para o inglês etc. (como o livro do conde Bernardotte sobre os últimos dias de Hitler), revista novas, jornais, boletins, folheto, etc. provam exuberantemente que o Esperanto se alastra, não tão depressa, porque deve vencer a indiferença do meio ambiente, mas seguramente, numa marcha infalível e inevitável.

O Clube local, ainda recentemente, a 23 de Maio findo, promoveu festiva reunião mensal. O Sr. Armênio Wendhausen, nosso diretor, participou da reunião, executando peças de acorção. Durante a festa houve discursos, declamações e até "concursos" em Esperanto. Os participantes usaram a língua internacional auxiliar com grande sucesso.

O Esperanto é uma língua viva, fácil e vencerá, como já está a vencer em Santa Catarina, na Europa e no mundo civilizado.

Träumerei.

R. Schumann, Op. 15, N.º 7.

Larghetto.
Cui sordido

Violino.

PIANO.

Abendlied.

Ausdrucksvoll und sehr gehalten.

R. Schumann, Op. 85, N.º 12.

Violino.

PIANO.

A ENCADERNAÇÃO

Nos tempos antigos já existia a Arte da Encadernação. Ela era feita no Egito com grandes tiras de papiro, ou entre cascas de uma árvore, enroladas em uma haste de madeira com maçanetas nas extremidades. A esse escrito dava-se o nome de volume, a vareta central: umbílicos, as maçanetas: córnea.

Alguns séculos antes de Cristo os livros principiaram a tomar forma quadrada e assim é que começou a base da Encadernação.

Na idade média os padres preparavam o pergaminho, escreviam e faziam a encadernação.

Peles de porco, boi ou cabra enrolada, e as pontas seguras em duas tábuas de Carvalho ou cedro formavam a capa.

A costura cruzada, conhecida por costura quatrocentista, foi usada no século XV ou talvez antes.

As tábuas tiveram os ornamentos encaixados de outras madeiras, e enormes pregos de bronze que impediam o atrito.

Depois formaram o livro chanfrado que podia ser guarnecido com setim e encrustações de prata ou ouro. Foi desta maneira que a encadernação começou a ter extraordinário valor.

Até pérolas, diamantes, safiras e outras pedras preciosas foram empregadas nas primeiras encadernações. A capa era feita de bronze com fortes dobradiças. Os livros atuais sobre encadernações mencionam que em Roma no Museu "Kircheriano" encontram-se obras como as que acabamos de mencionar.

No século XII e XIII os livros começaram a ser forrados com pergaminhos, aproveitavam as

peles dos animais, de alguns peixes, das focas etc.

Sobresaiam também os forros com desenhos difíceis que formavam capas artísticas e recebiam o nome de encadernação monástica, começando da Grécia e mais tarde vindo para Alemanha, Itália etc.

No século XV os livros tinham formatos grandes e pesados, mas com a descoberta da impressão tornaram-se pequenos e leves.

Daí surgiram as capas feitas de papelão sendo despresados os cantos e os pregos de metal.

Nessa época apareceu um livro que despertou grande interesse pela sua beleza; foi um livro com o relevo do coração do Papa Pio II, que era o vulto que representava os portugueses.

Então os quadros pintados de preto e ouro tinham na pasta da frente Nossa Senhora da Conceição e na de traz a lua entre nuvens.

No fim do século XVI a Itália decaía, deixando à França a primazia na difícil arte de encadernar até a volta do século XVIII.

Os livros eram então, apresentados como obras de grande luxo e é por isso que lhe atribuíam grande valor.

Por volta do século XVIII é aplicada a guarda de setim e de seda, aparecendo ainda os nervos na lombada.

Atualmente apesar do encarecimento crescente do papel, os livros são editados em quantidade espantosa e comparando-os aos daquelas épocas são infinitamente mais baratos.

Eis aí uma pequena descrição desde quando principiou a arte da encadernação até os nossos dias.

Mário Manuel Loureiro

O prazer do bibliotecário

São os livros para o bibliotecário, um jardim de delícias, pois ele tem a seus pés o universo inteiro, o visível e o invisível, o passado e o presente, as formas da natureza tangível e os inúmeros sóis da incensidade, todos os inventos humanos e todas as criações da natureza, todas as fórmulas e cálculos da matemática, todos os estudos da ciência e todos os sistemas de ensino de todas as escolas, enfim, em uma só palavra, todas as jóias e os esforços acumulados pelos séculos, a custa dos estudos e dos trabalhos de milhões de sábios.

Não há nada na Terra mais melódico do que o contacto imutável com os livros.

São eles mestres incansáveis, que nos instruem sem castigo, amáveis anciões que nos aconselham por meio da sua experiência da vida, amigos de todos os dias, que se os interrogamos, não se negam, si os chamamos, acodem, se caímos no erro, nos ajudam, se os importunamos, não se apoquentam. Juntos a seus amadores, não deixam um só momento de os confortar, quando padecem ao embate da fortuna, como também deliciam os que saem vitoriosos em qualquer empresa. São eles, o transfor-

mativo das simples crianças de hoje, em grandes talentos nos dias de amanhã e são também os formadores dos mestres de todas as classes de estudantes que são o desenvolvimento e o enriquecimento de todas as nações civilizadas.

Qual o prazer que se pode comparar no mundo com a contemplação desta infinita riqueza, ao uso quotidiano desta origem constante que, torna concreto os esforços contínuos da inteligência humana ao cavar dia e noite nesta mina inexplorável que envia à sociedade a preciosíssima gema do saber.

Ivo Silva

OUTRA VEZ

— Outra vez aqui? Mas não faz um mês que você deixou o xadrez.

— Pois é, seu delegado. Digame uma coisa: Já chegou minha minha correspondência?

Aquela mulher tinha 55 anos. Quando alguém lhe disse que não era uma grande idade, replicou:

— Não para uma ponte mas sim para uma mulher.

História das Artes

As manifestações da Arte provêm de séculos remotos e desta maneira, vêm logicamente, equilibrando-se com a própria humanidade.

Considerando-a sobre o ponto de vista estético, podemos dividi-la em dois grandes grupos: As Belas Artes e as Artes Menores; ao primeiro grupo pertencem a Escultura, Pintura, Literatura, etc.; ao segundo grupo pertencem as Artes chamadas Industriais, como a Gravação, Indumentária, Artes Decorativas, vas etc.

Inicialmente, tomarei como tema a História da Gravação:

O homem animado por seu instinto de imitação, logo nos primeiros tempos de sua civilização, traça linhas, não superficialmente, mas sim, por penetração, usando para isso a lasca de pedra que, ferindo a superfície plana de um objeto, mais ou menos duro, produzia um sensível sulco, nascendo daí a primeira gravação.

Mais tarde, o homem prevenido uma superior necessidade de fazer com que compreendessem os seus sentimentos, começou a inventar os sinais convencionais da leitura com que se expressa gráficamente e se relaciona com seus semelhantes, descrevendo os acontecimentos, promulgando leis que se comunicam em sucessivas gerações, tornando por sua parte imortal o constante progresso das idéias, gravando em pedras, madeiras e metais.

É muitas vezes dêsse tempo, que se originaram os documentos em papíros de valores históricos inapreciáveis, dos quais, muitos até a atual época não foram esclarecidos e tão pouco decifrados.

É, pois, a História da Gravação, um índice bem significativo para a escrita atual.

Logo após a grafia, surgiu por sua vez as Artes Decorativas, que desempenham e atualmente desempenham um importante papel, quer nas mais simples especulações da "era atômica", por assim se dizer a que atualmente vivemos.

Segundo dizem os entendidos neste assunto, o presente estudo teve a sua origem com as primeiras civilizações das longínquas terras do Oriente, cujos povos já contavam com a posse de um adiantado desenvolvimento desta arte, com um passo de cultura oriundo de há já milhares de anos, salientando-se aí o velho e misterioso Egito, onde se apresenta uma evolução artística digna do nosso interesse, pois este país, como poucos, possui esculturas e decorações inigualáveis pela primazia e nitidez com que foram gravadas em granitos as suas representações dos deuses e homens.

Causa-nos admiração, como se preocupavam esses povos com o seu destino, após a morte, chegando mesmo ao ponto de esculpirem em madeira ou pedra os seus "duplicatos", (espécie de uma cópia do morto) com a máxima semelhança possível.

Os egípcios em rápido avanço ao lado da modernização, aper-

feçoaram as suas esculturas e decorações, passando assim, do barro a vidro, da madeira ao bronze e dêste finalmente ao ferro; construíram, esculpiram, pintaram, conceberam ornatos cada vez mais aperfeiçoados, dando assim, os primeiros passos a uma arte que se propagou durante séculos, chegando até os atuais tempos.

Cyrineu Costa

ANEDOTAS

NA AULA

— Milton era um poeta inglês cego. Compreenderam?

— Sim, responderam os alunos.

— Então, qual era a desgraça de Milton?

— Era poeta!

NO BOTEQUIM

— Vou beber uma cachaça, e você?

— O médico proibiu-me de tomar bebidas brancas; vou tomar caninha com fernet.

NO RESTAURANTE

— Garçon, pode trocar êsse frango por três ovos?

— Impossível. Sou garçom e não mágico.

NO RESTAURANTE

— Garçon, veja uma mosca afogada na minha sopa!

— Oh! Coitadinha!...

Precaução

A peça teatral foi um fracasso. Após o primeiro ato, muita gente se apressou em abandonar a sala. Nesse momento um pândego exclamou:

— Primeiro as mulheres e as crianças!

Candidato a emprego

Gerente — Lendo suas referências, verifiquei que nesses últimos dois meses você teve quatro empregos.

Candidato — Pois é. Por aí o senhor vê como eu sou um empregado concorrido.

NA EXPOSIÇÃO DE PINTURA

— Que coisa horrível êsse quadro! — exclama aquela senhora — um borrão que vocês chamam de arte.

— Perdão, minha senhora — diz o pintor — mas isso é um espelho!

— Sueli, sei que amanhã você faz anos; ainda não sei o que vou lhe dar de presente. Poderia cpinar nesse ponto?

— Ora, não me dê nada!

— Ótimo! Você me deu uma boa idéia.

— Em que dia nasceste?

— Não sei.

— E em que dia fazes anos?

— 28 de Maio.

— De que morreu o João?

— De pneumonia.

— Dupla?

— Não. Simples.

— Ah! Menos mal!